

## NEGÓCIOS INICIATIVAS Prémio Excellens Oeconomia

ANTÓNIO BROCHADO CORREIA, GESTOR DA PWC

# Aumento do peso das exportações é “notável”

O auditor e gestor da PwC refere que os prémios Excellens Oeconomia querem destacar empresas e personalidades que possam ser emuladas e admiradas, sobretudo num contexto económico e social difícil que Portugal atravessa.

FILIPE S.FERNANDES

Os prémios Excellens Oeconomia para a melhor empresa e para a personalidade de mais marcante de 2013 têm por objectivo destacar os casos exemplares. É essa a sua importância pois como refere António Correia, “muitas foram as pessoas e as empresas que ao longo da história do país, em momentos-chave das nossas vidas, tiveram impactos-chave na evolução positiva da história. Esse mérito, exemplo, influência positiva nas pessoas e na economia nacional, sendo reconhecido, divulgado, muitas vezes analisado e até estudado, faz com que a vida das pessoas globalmente melhore e o país evolua. Esta é a importância deste prémio”.

**Portugal atravessou uma das maiores crises económicas e financeiras dos últimos 50 anos. Temos hoje um melhor tecido empresarial? A crise não terá desfeito alguns projectos empresariais interessantes?**

Seguramente a crise e a falta de financiamento terão adiado ou mesmo acabado com alguns sonhos e projectos empresariais interessantes, embora acredite que a

resiliência e a tenacidade desses empreendedores possam voltar e o sonho volte a renascer e ser uma realidade. Quanto às empresas, todo o momento de crise e escassez de recursos leva-nos a uma reflexão de como fazer melhor, diferente, alterar pressupostos, tendo em vista melhores resultados. Os empresários portugueses revelaram uma capacidade imensa em descobrir novos caminhos nos ganhos de eficiência e nos roteiros internacionais, e isso é notável.

**Quais são as principais características das empresas que melhor reagiram à crise?**

Há muito tempo que gerem com

**Costumo dizer que qualquer bom governo nas empresas só pode ser tão bom como quem o põe em prática.**

disciplina e rigor, mesmo “austeridade”, na sua eficiência organizacional. Assumem o mundo como plano global de negócios e expansão das suas actividades, focalizando-se nas partes geográficas mais adequadas ao perfil do seu negócio e contam com o talento adequado a esta postura de gestão. Costumo dizer que qualquer bom governo nas empresas só pode ser tão bom como quem o põe em prática.

**Quais foram os sectores industriais que reagiram melhor a esta crise?**

Todos aqueles que se foram preparando melhor ao longo dos anos e, aquando da crise, o seu estágio de desenvolvimento e maturidade permitiu melhor absorver os impactos, bem como os que contam com maior vocação exportadora, uma vez que, apesar da crise, no mundo vários foram os países que continuaram a crescer e de forma significativa.

**Que balanço da performance das nossas exportações?**

Subir mais de 10 pontos percentuais no peso das exportações no nosso PIB é notável e é o caminho que temos de continuar a percorrer. Devemos ainda chegar a 50 ou 60% do PIB, fundamental para um país que tem um mercado interno relativamente pequeno e está muito aberto ao mundo. Um dos sectores que destacaria pela positiva nos últimos anos é o designado de indústrias tradicionais, como, por exemplo, o calçado, o têxtil, mas também os mol-

des e a cerâmica que têm feito percursos fantásticos de contributo para a economia nacional e para o emprego.

**Como é que explica a resiliência de sectores tradicionais como os têxteis, o calçado e até a agro-indústria?**

Nos têxteis e no calçado, porque hoje Portugal tem já uma marca que é reconhecida como sinónimo de qualidade, o que não era assim há 10 anos. No agro-industrial, porque Portugal tem condições na Europa únicas para o crescimento deste sector na nossa fileira industrial, mas a área utilizada para este fim era ainda muito pouca em face da disponível, pelo que há neste sector margem para crescimentos elevados, porque temos área, condições geográficas e muitos jovens empresários com vontade de entrar neste sector.

**Portugal precisa de investimento directo estrangeiro. O que é que se deve fazer para se tornar um país atractivo?**

Deve, em primeiro lugar, fazer uma boa promoção além-fronteiras das nossas qualidades para essa captação, que são boas, mas nem sempre bem percebidas por quem pretende investir. Neste campo é fundamental que Portugal suba nos rankings internacionais em que muitas vezes fica mal classificado nas regras de investimento estrangeiro, na burocracia, na flexibilidade laboral, etc... Na hora de investir

António Brochado Correia elogia o trabalho feito

e escolher a localização, a análise de investimento passa por esta fase. Penso que tem estado a ser feito um trabalho de diplomacia económica bem feito, tem havido alterações em algumas áreas internas que melhoraram nitidamente a capacidade de captação de investimento e Portugal tem de facto condições óptimas para se investir e para se viver. Há que passar bem esta mensagem aos potenciais investidores.

**Há algum sector em que IDE seja mais premente?**

Seguramente o que gera mais emprego. Qualquer que seja, o mais e o menos qualificado, temos muitos desempregados cuja qualificação não é alta e também precisam de ocupação. ■

## II edição do prémio Excellens Oeconomia

Uma iniciativa do Negócios em parceria com a PwC



em matéria de diplomacia económica.

### PERFIL

## Especialista em performance

António Brochado Correia, 44 anos, é sócio membro do Territory Leadership Team da PwC em Portugal com a responsabilidade na área de Mercados e Clientes. Licenciado em Administração e Gestão de Empresas pela Universidade Católica (UCP), é revisor Oficial de Contas desde 1999. Nas áreas de consultoria, é responsável pelo Performance Improvement, onde se incluem responsabilidades nas áreas da Eficácia Financeira, Governance (incluindo a sustentabilidade), Riscos e Controlos. É responsável de auditoria nos grupos Amorim, Efacec, ETE, Ferpinta, Galp Energia, TMG e Unicer.

## Em busca da empresa perfeita

O principal objectivo do prémio Excellens Oeconomia, promovido pela PwC e pelo Negócios, é encontrar a empresa perfeita de 2013. Os parâmetros e métricas procuram ser uma alternativa ao padrão comum dos indicadores e rácios de análise de empresas. A metodologia procura medir o desempenho da empresa tendo em conta o seu contributo para a resolução dos problemas actuais da economia portuguesa.

Os cinco pilares em que assenta pretendem mapear as contribuições para solucionar os desequilíbrios microeconómicos e ajudar de forma única para a transformação do país.

“O objectivo principal do prémio de destacar a empresa que, durante o ano anterior, mais se salientou no impacto na

economia nacional não se alterou” refere António Brochado Correia, sócio-membro do Territory Leadership Team da PwC em Portugal com a responsabilidade na área de Mercados e Clientes. “Houve, na sequência da experiência do ano anterior, algumas melhorias em determinadas partes da metodologia que estão relacionadas com a evolução na gestão das empresas e o ambiente económico em que se inserem”.

A melhor empresa será aquela que preencha os critérios de médio e longo prazo como o crescimento e a geração de riqueza e os de curto prazo que são o contributo para diminuir os desequilíbrios externos, a utilização de recursos endógenos e ajudar a estabilizar as contas públicas. ■

### 5 PRINCÍPIOS

## Uma avaliação que vai do curto ao longo prazo

A escolha da melhor empresa Excellens Oeconomia de 2013 assenta em cinco princípios. Os dois primeiros são princípios de médio e longo prazo e os outros três são princípios que têm em conta o curto prazo.

#### 1. MEDIR O CRESCIMENTO

Avaliar o crescimento, o qual se exprime através do crescimento do emprego e da qualificação dos colaboradores, da competitividade e da internacionalização e exploração dos mercados externos.

#### 2. CRIAÇÃO DE RIQUEZA

A competitividade e a geração de riqueza baseados nas práticas inovadoras de gestão e novos paradigmas nas relações com colaboradores, satisfação dos consumidores, rentabilidade dos capitais próprios e capacidade de retorno de valor aos acionistas, é outro dos princípios de avaliação.

#### 3. CONTAS PÚBLICAS

Este princípio baseia-se numa análise das contas públicas suportada

na receita fiscal e responsabilidade social.

#### 4. UTILIZAÇÃO DE RECURSOS

A utilização de recursos como investimento em activos fixos e em activos intangíveis tal como criação de emprego e remuneração do factor trabalho é outro dos princípios que está em avaliação, numa óptica de curto prazo.

#### 5. DESEQUILÍBRIOS EXTERNOS

É tido em conta o contributo para solucionar os desequilíbrios externos através do desenvolvimento da actividade significativa no mercado de bens transaccionáveis, crescimento das exportações e exploração de novos mercados e redução do nível de dívida líquida, angariação de fundos comunitários e solidez financeira. ■

### 3 PERGUNTAS A JOÃO MIRANDA

Presidente da Frulact

## “Os prémios sustentam o nosso modelo”

**A Frulact é líder ibérica de preparados de fruta para indústria alimentar e venceu a primeira edição deste prémio.**

#### Qual foi o significado do prémio?

Termos sido distinguidos logo na primeira edição do Prémio Excellens Oeconomia, iniciativa que consideramos das mais exigentes - pelos critérios e qualidade do júri - e de maior prestígio em Portugal, constituiu um reforço e forte reconhecimento do desempenho e contributo inequívoco que a Frulact tem vindo a gerar no panorama económico nacional. Por outro lado, este tipo de prémios só é possível pela qualidade e mérito do nosso capital humano, “os Frulacteanos”, e das fortes alianças com todos os nossos stakeholders, com os quais fizemos questão de partilhar o mesmo.

#### Um ano depois o que mudou na Frulact?

As mudanças não são ancoradas em distinções ou prémios. Reconheço que os prémios são um estímulo e uma responsabilidade acrescida que sustentam o nosso modelo, e porquanto deveremos continuar a apostar naqueles que consideramos ser os drivers estratégicos de crescimento da Frulact.

#### Como é que vê Portugal hoje?

Portugal está a passar por uma das fases mais críticas das últimas décadas em termos socioeconómicos, mas também da classe política. Assusta-me que, todo o esforço exigido até aqui em termos sociais, que bem ou mal produziu efeitos positivos na retoma da economia e no controlo do déficit, não seja agora consolidado com estímulo ao investimento e criação de emprego, e o necessário “right sizing” do Estado. Isto só é possível com uma visão séria e responsável dos partidos políticos, para assumirem em conjunto a implementação de um leque de medidas estruturantes de longo prazo, que não estejam condicionadas nem colocadas em causa pelos ciclos político/eleitorais. ■